MANIFESTO POR UM CURRÍCULO-CORAJOSO NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS

MANIFESTO FOR A COURAGEOUS-CURRICULUM IN CHILDHOOD EDUCATION

MANIFIESTO POR UM CURRÍCULO-VALIENTE EN LA EDUCACIÓN DE LA INFANCIA

Evanilson Gurgel[1]

RESUMO
Este artigo, escrito em formato de manifesto, problematiza os desafios de ser professor/a em um espaço-tempo que disponibiliza imagens tão inglórias ao ofício docente, sobretudo quando ousamos traduzir nosso fazer pedagógico em currículos que acolhem as diferenças e as minorias. Logo, o objetivo do texto é o de confabular os princípios de um *currículo-corajoso*, um artefato cuja vitalidade é força motriz para operar com as diferentes estratégias de coibição às nossas práticas em sala de aula, sobretudo na Educação das Infâncias. O ponto de partida é um episódio junto às crianças na passagem do autor na Educação das Infâncias, que mobilizou uma reflexão acerca da necessidade de se *parecer com a coragem* em tempos de produção incessante de angústia e na docência. O artigo finaliza com algumas notas para a fabulação de um currículo-corajoso, capaz de provocar pequenos abalos nos microfascismos cotidianos a partir de uma resistência criativa, abastecida de sonhos, que permite a vida perdurar. Tais notas dão conta de evidenciar que um currículo-corajoso é capaz de abalar nossas certezas mais atávicas, ensinando-nos outros sentidos e significados para os marcadores da diferença social, de modo a nos fazer (re)ver, ouvir, sentir a vida, a docência e o currículo de uma maneira mais sensível, empática e potente.
PALAVRAS-CHAVE: currículo; gênero; sexualidade; educação das infâncias.

ABSTRACT
This article, written as a manifesto, problematizes the challenges of being a teacher in a space-time that offers such inglorious images of the teaching profession—especially when we dare to translate our pedagogical practice into curricula that embrace differences and minorities. Thus, the text aims to conjure the principles of a courageous curriculum, an artifact whose vitality serves as a driving force to counter the various strategies that attempt to inhibit our classroom practices, particularly in Early Childhood Education. The starting point is an episode with children during the author's time in Early Childhood Education, which prompted a reflection on the need to embody courage in times marked by the relentless production of anguish in teaching. The article concludes with some notes for the fabulation of a courageous curriculum—one capable of provoking small tremors in everyday microfascisms through creative resistance, fueled by dreams, that allow life to endure. These notes highlight that a courageous curriculum has the power to shake our most deep-seated certainties, teaching us new meanings and understandings of the markers of social difference, in a way that invites us to (re)see, hear, and feel life, teaching, and curriculum more sensitively, empathetically, and powerfully.
KEYWORDS: curriculum; gender; sexuality; early childhood education.

RESUMEN
Este artículo, escrito en forma de manifiesto, problematiza los desafíos de ser docente en un espacio-tiempo que ofrece imágenes tan deslucidas del oficio de enseñar, especialmente cuando nos atrevemos a traducir nuestra práctica pedagógica en currículos que acogen las diferencias y a las minorías. Así, el objetivo del texto es fabular los principios de un currículo valiente, un artefacto cuya vitalidad actúa como fuerza motriz para enfrentar las diversas estrategias de coacción sobre nuestras prácticas en el aula, particularmente en la Educación Infantil. El punto de partida es un episodio vivido con niños y niñas durante la experiencia del autor en la Educación Infantil, que movilizó una reflexión sobre la necesidad de parecerse a la valentía en tiempos de producción incesante de angustia en la docencia. El artículo concluye con algunas notas para la fabulación de un currículo valiente, capaz de provocar pequeños temblores en los microfascismos cotidianos mediante una resistencia creativa, alimentada por los sueños, que permite que la vida perdure. Estas notas buscan evidenciar que un currículo valiente es capaz de sacudir nuestras certezas más arraigadas, enseñándonos otros sentidos y

[1] Universidade Federal Rural do Semi-árido (Ufersa), Brasil. ORCID: 0000-0003-2018-767X

significados para los marcadores de la diferencia social, de modo que nos permita (re)ver, escuchar y sentir la vida, la docencia y el currículo de una manera más sensible, empática y potente.
PALABRAS CLAVE: currículo; gênero; sexualidad; educación de la primera infancia.

ABERTURA

Este texto é um manifesto. Um ensaio, um experimento, uma escrita à deriva, como certa vez confabulou Silvio Gallo (2020, p. 148): "nada de fixidez; nada de pressupostos; nada de redes de apoio. Nada de verdades absolutas". Uma escrita que "não tem a sua finalidade em si própria, precisamente porque a vida não é algo pessoal. A escritura tem por único fim a vida, através das combinações que ela faz" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 14). Uma escrita aberta ao intempestivo que é próprio ao movimento da vida. Não essa vida medíocre, mutilada, rebaixada, ossificada, cuja escrita teria como único objetivo registrar que, em algum momento, se viveu. Falo aqui da vida como potência impessoal, como devir imperceptível, como acontecimento incorpóreo, como experimentação contínua em sua capacidade de variação. Vida que perdura, que vibra, enlaça, aliança, conjuga, provoca agenciamentos. Vida que, destemidamente, insurge, ressurge, resiste. Transitiva e desviante, encontra uma falha, uma brecha por onde a luz pode passar[2]. É de vida que esse manifesto trata: "vida e nada mais" – para me valer do belíssimo título da obra cinematográfica do diretor iraniano Abbas Kiarostami.

Por falar sobre vida, este manifesto é criado a partir de um compacto autobiográfico, cujo exercício experimental se assemelha às inquietações que certa vez anunciou Michel Foucault (2010), ao explicar como "funcionava" o seu investimento teórico. Para Foucault (2010), escrever nada mais seria do que um abalo produzido a partir dos elementos que aquele quem escreve percebe através de suas próprias experiências, isto é, os processos que consegue vislumbrar desenrolando em torno de si. Sigo suas pistas para que este manifesto seja, ao mesmo tempo, um resgate de memórias primevas e experiências da ordem do acontecimento, como também se abra para um outro espaço que não seja meramente representacional e/ou descritivo.

Preciso antecipar que os episódios aqui narrados não se ancoram em um estatuto da verdade, tampouco pretendem outorgar-se como produto de um sujeito consciente, racional e transcendental. Para tanto, tomo a licença poética de uma condição ficcional "como trabalho político de fazer surgir o que ainda não existe" (Ranniery, 2018, p. 984) e me permito tatear

[2] Referência à canção "Anthem", do músico Leonard Cohen.

uma escrita como um gesto errante; uma tentativa incerta de dar algum sentido, ainda que provisório, ao que há de mais inapreensível pela força de um acontecimento.

Nesta mesa de montagem, costuro **linhas de acontecimento** de um professor em sua breve e memorável passagem na Educação das Infâncias; as **linhas de experiências** de um recém professor universitário, incapaz de enxergar saídas possíveis senão por meio da arte e da poesia; e, principalmente, as **linhas duras** que aprisionaram o desejo da criança desviante/desviada que outrora fui. De algum modo, este manifesto pode ser lido como um acerto de contas, um expurgo de uma ferida que por muito tempo insistiu em arder. **Texto-pele**, também pode ser sentido como uma cicatriz, cuja espessura do seu relevo cartografa imagens de um futuro que se avizinha. Além disso, considero este manifesto como uma celebração. Ora, não é preciso "ser triste para ser militante, mesmo que a coisa se combata seja abominável" (Foucault, 2010a, p. 103). Confabulado como testamento-em-vida, eis uma escrita-espólio capaz de declarar, pelas palavras que aqui racham e vibram, em uníssono: sim, a despeito de todas as forças reativas que desejaram que eu não chegasse até aqui, cá estou eu, vivo, celebrando a vida, "resistindo na boca da noite um gosto de sol"[3].

Com este manifesto, desejo trazer algumas problematizações acerca dos desafios de ser professor/a em um espaço-tempo que disponibiliza imagens tão inglórias ao nosso ofício, sobretudo quando ousamos em traduzir nosso fazer pedagógico em currículos que acolhem as diferenças e as minorias. Nesse sentido, defendo, juntamente a Luft, Rodrigues e Filho (2024, p. 53), a docência não como mera transmissão de conhecimentos, mas que "abraça a complexidade das relações interpessoais, culturais e sociais, incorporando dimensões que vão além dos conteúdos formais". Logo, o objetivo deste artigo é o de confabular os princípios daquilo que venho articulando como um **currículo-corajoso**, um artefato cuja vitalidade é força motriz para operar com as diferentes estratégias de coibição às nossas práticas em sala de aula, sobretudo na Educação das Infâncias.

É POSSÍVEL SE PARECER COM A CORAGEM?

Aquela foi uma manhã especialmente difícil. As crianças, agitadas pelo calor excessivo, não conseguiam esconder a insatisfação com um tempo tão hostil. Além disso, faltavam adultos de referência em sala para dar conta das demandas, ora individuais, ora coletivas dos/as pequenos/as. Eu me sentia especialmente esgotado. Escancarei todas as

[3] Referência à canção "Nada será como antes", interpretada por Milton Nascimento e presente no álbum "Clube da Esquina" (1972).

janelas da sala, na esperança de que alguma brisa refrescante adentrasse aquele pequeno envoltório abafado e pudesse abraçar, a mim e às crianças, para que pudéssemos nos reorganizar sensorialmente.

Ledo engano: bastava uma breve espiadela para o lado de fora para que fosse possível vislumbrar a configuração estática das folhagens da copa das árvores do parquinho que ficava logo em frente à janela, denunciando não haver qualquer indício de vento percorrendo por ali. Nem sequer os passarinhos coloridos, que diariamente ciceroneavam as crianças durante o momento do recreio, pareciam estar interessados em sair dos poucos espaços que faziam alguma sombra. Ali, naquele pequeno deserto, os únicos bichos à vista eram as lagartixas acinzentadas que um dia foram alvo de interesse da turma – quando uma das crianças as comparou com o camaleão do filme "Rango" – mas que já haviam perdido o protagonismo para os "arco-íris voadores", como elas tão poeticamente nomearam aqueles belos bichos alados multicolores.

Para completar a celeuma, ao retornarem do parquinho, as crianças passaram a se digladiar em uma disputa de oratória acerca de qual seria a história a ser contada após o momento de relaxamento. Cada qual intervinha com o seu desejo. "*Nada de histórias de princesa!*", dizia um dos meninos. "*Professor, por que não lemos um gibi da Turma da Mônica?*", intercedia uma das crianças, mais afeiçoada por histórias em quadrinho. No meio daquela torrente de tantas vozes impetuosas, lembrei que carregava em minha mochila um livro que eu ainda não havia lido para aquela turma. "*Nem uma coisa, nem outra! Hoje, eu que escolho a história a ser contada!*", falei, de modo bem-humorado, para disfarçar qualquer aparência autoritária de minha parte.

Saquei o livro da mochila, dispus as crianças em uma roda e comecei a contação de histórias. Era o livro "E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas", escrito pelo rapper Emicida (2020). A obra narra a história de uma criança que todos os dias, ao anoitecer, atemoriza-se pela escuridão que inevitavelmente chega. O mais belo do livro é precisamente como o escritor representa e personifica a Coragem, apresentada para as crianças como uma mulher negra, ostentando seus cabelos *black power* em formato de coroa, com toda pompa de super-heroína. Não foi difícil para as crianças embarcarem naquela viagem proposta pelo livro – tampouco para mim. Parecíamos até mesmo esquecer, por um instante, do calor insuportável e trepidante que fazia. À medida em que íamos avançando na história, as crianças passaram a falar acerca dos seus medos. Medo do escuro, medo de bicho-papão, medo de cachorro bravo... Medo de comer fígado no almoço, de ser esquecido na escola, de quebrar as duas pernas, das férias serem canceladas, das férias durarem eternamente... Medo

do gatinho de estimação fugir de casa, do professor faltar a aula, da escola desaparecer... No entanto, quando a personagem Coragem entrou em cena, algo inusitado aconteceu. Atena[4], uma criança negra, que até então estava prestando atenção silenciosamente na história, levantou-se em comemoração e disse, exultante: "*Professor! Professor! Veja só! A coragem parece comigo!*".

Muita coisa poderia ser discutida a partir da aparente simples frase enunciada por Atena em seu momento de regozijo ao sentir-se semelhante à Coragem. Poderíamos nos prolongar sobre a importância da representatividade, de como os modos em que nos vemos e somos vistos importam em uma sociedade pautada por uma cultura da mídia (Maknamara, 2021; Kellner, 2003), ou de como questões étnico-raciais atravessam cotidianamente o nosso fazer docente (Gomes, 2019). Todas essas possibilidades me parecem pertinentes e certamente dariam consideráveis discussões em cada um dos pontos citados. Por ora, por limite de espaço e pelo foco específico na figura pragmática da **Coragem**, desejo, neste texto, inspirar-me nessa bela frase evocada por Atena e discutir outras questões que considero imprescindíveis no contexto social e político que vivenciamos. Quero me valer desse simbolismo – **se parecer com a coragem** – para mobilizar algumas questões que têm me inquietado, sobretudo em um momento de transição política em que vivenciamos.

Recém saímos de um governo autoritário[5], antidemocrático[6], odioso, que rejeitava a diferença e a diversidade em prol de uma ideia unívoca do que é expressar os gêneros e as sexualidades[7]. Ainda que esse governo e seu projeto político tenha sido recentemente derrotado nas urnas, que o seu representante maior tenha sido deposto e que um outro líder, contrário às suas ideias perniciosas, tenha assumido o comando do nosso país, os ideais desse governo anterior e do seu representante-maior não cessaram. Pelo contrário: nossas casas legislativas[8] ostentam um perfil cada vez mais reacionário e conservador, dificultando a implementação de qualquer projeto de lei que beneficie as minorias ou que minimamente faça

[4] Cabe salientarmos aqui que Atena é um nome fictício, criado para assegurar o anonimato da criança.

[5]Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2024/03/autoritarios-como-bolsonaro-empoderou-militares-e-tirou-golpismo-do-armario.shtml. Acesso em: 15 Jul. 2024.

[6]Disponível em: https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2024/02/09/videos-reuniao-bolsonaro.ghtml/. Acesso em: 15 Jul. 2024.

[7]Santos Silva (2021) traçou um panorama dos ataques às questões de gênero e sexualidade desde a campanha eleitoral até o primeiro ano de governo de Jair Messias Bolsonaro. Embora os três anos seguintes também tenham contribuído para a cristalização de discursos antigênero, o autor apresenta indícios relevantes da construção do pânico moral e das ofensivas perpetradas pelo governo Bolsonaro.

[8] Projeções apontam que os próximos pleitos serão decisivos para uma possível sedimentação de um perfil conservador, tanto na câmara de deputados quanto no senado federal, provocando ainda mais tensões políticas em nosso país. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/republica/expectativa-de-um-senado-conservador-em-2027-projeta-embate-inedito-com-o-stf/. Acesso em: 15 Jul. 2024.

alusão às diferenças – de gênero, de sexualidade, de raça, de etnia, de classe social, de geração etc.

Outros líderes, em escala regional, local, seguem propagando seus discursos de ódio e tentando silenciar nossas vozes. Seguimos com a pecha de "professores militantes", "manipuladores", "esquerdistas", "abusadores". Denunciam as nossas práticas pedagógicas e afirmam categoricamente que "erotizamos a infância"[9] e "sexualizamos as crianças"[10]. Dizem-nos verdadeiros monstros/as e imaginam a sala de aula como uma espécie de aterrorizante topo de castelo monitorado por um inimigo invisível. Nem mesmo os banheiros[11] de nossas escolas saem ilesos, a exemplo de toda sorte de *fake news* propagadas pela extrema direita durante o último pleito presidencial. Achincalhados/as por uma horda violenta e sórdida, sentimo-nos encurralados/as pelos discursos extremistas. Perdemos o fôlego. É difícil respirar. Por vezes, literalmente, como na hedionda e aterradora imagem[12] de rapazes negros sendo sufocados até à morte por seus algozes, policiais brancos, cuja frase hoje ecoa como um ritornelo antirracista: "*I can't breath*"[13].

É este mundo insano em que (sobre)vivemos, compreendido por Alexandre Filordi de Carvalho (2020) como um "manicômio *open-door*", isto é, um espaço estriado que, na ânsia de "produzir demandas por homogeneidades", deseja adequar-nos às verdades incontestáveis, precisamente por "não suportar o que pode escapar ou que já se escapou das amarrações de seus feixes, amarrações constituídas por rotulagens" (Carvalho, 2020, p. 14-15). Daí a urgência em criar cenários em que quaisquer modos de vida contrários às lógicas capitalistas passam a ser vislumbrados como equivocados, perigosos e ameaçadores. Se, como afirmam Deleuze e Guattari (2011, p. 90), "o capital é um ponto de subjetivação por excelência", não é possível pensar em uma expressão de capitalismo que não seja, ela mesma, "veículo de conteúdo e de expressão de choque (Carvalho, 2020, p. 18). Absortos/as, dessensibilizados/as, anestesiados/as, deparamo-nos diariamente com uma panóplia de referentes semióticos que buscam sorver a energia do desejo e gerenciar nossos medos mais íntimos (Guattari, 2024).

[9] Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/1070543-comissao-aprova-proposta-para-escola-adotar-medidas-contra-erotizacao-precoce/. Acesso em: 15 Jul. 2024.
[10] Disponível em: https://www.otempo.com.br/politica/2024/6/12/projeto-que-proibe-uso-de-verba-publica-em-eventos-que--promovam. Acesso em: 15 Jul. 2024.
[11] Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/notas/governo-federal-nao-decretou-a-instalacao-de-banheiros-unissex-nas-escolas. Acesso em: 15 Jul. 2024.
[12] Refiro-me, aqui, as mortes de Eric Garner (2014) e de George Floyd (2020), rapazes negros estadunidenses que foram assassinados por estrangulamento/sufocamento durante suas respectivas abordagens policiais.
[13] A frase enunciada por Eric Garner e George Floyd antes de suas mortes tornou-se um slogan do Movimento "Black Lives Matter". A cantora H.E.R produziu uma música baseada nessa enunciação, intitulada "*I Can't Breath*" e foi premiada com um Grammy de "Canção do Ano" pela composição.

E quem não segue os fluxos territorializados desses pontos de ancoragem já tão bem demarcados? O que resta àqueles/as que ousam questionar o conteúdo expresso em crenças e valores que não apenas não aceitam o contraditório, como rechaçam qualquer ínfima mudança em sua ortodoxia? Certamente há consequências para quem se atreve a questionar, seja o que for: a ordem, a pátria, o juízo, os "técnicos do desejo" ou a figura do déspota – quais sejam os múltiplos avatares que têm funcionado como "estacas de referência plena" (Carvalho, 2020, p. 23). Não nos faltam exemplos que evidenciem que os indivíduos que se opõem às fatigadas coordenadas existenciais de antiprodução do desejo passam a ser lidos/as como "uma ameaça, um escolho, uma tormenta para o funcionamento da normalidade" (Carvalho, 2020, p. 20). Afinal, o que haveria de mais perigoso do que uma "professora do primário" que, a despeito de todas as forças que desejam fazê-la sucumbir, ousa em acolher as diferenças em seu professorar? Há coisa mais abjeta e assustadora do que uma criança que não se adequa corretamente às expectativas generificadas? O que há de mais ameaçador do que uma escola que, mesmo resfolegando em um cenário bélico, decide insuflar de vida os seus espaços?

Marlucy Paraíso (2016) bem definiu: trata-se de uma "ciranda do currículo" com gênero, poder e resistência. De um lado, jazem os poderes tristes que certa vez denunciaram Deleuze e Parnet (1998), que poderíamos traduzir como os "pilares sustentadores do inferno que foi se construindo em nosso redor, em nós mesmos" (Gallo, 2020, p. 154). As estratégias desses poderes são múltiplas, mas, especificamente em um contexto educacional, são visíveis a partir dos grupos reacionários que objetivam controlar os currículos que produzimos e proibir quaisquer menções às temáticas de gênero e sexualidade na escola. Por outro lado, vemos enxamear os focos de resistência, compreendida aqui como uma força "focada, localizada, resultado de agenciamentos que aumentam a potência dos corpos" (Paraíso, 2016, p. 389), uma "alegria caótica que afirma a vida, que nos faz viver, pensar, agir" (Gallo, 2020, p. 154).

MICROFASCISMOS COTIDIANOS, O MEDO E O DESEJO

> "Encarna sabe que virão por causa deles. Por causa dela e do menino. O Brilho trouxe, junto de outras tantas bem-aventuranças, o sabor metálico do medo. Desde que o menino entrou em sua vida, Tia Encarna sabe o que é o medo: sente-o no paladar" (Villada, 2021 p. 195).

Em sua autobiografia ficcional – poderíamos chamar também de "ficção com traços autobiográficos" –, intitulada "O parque das irmãs magníficas", a autora argentina Camila

Sosa Villada escreveu um belo compacto de suas vivências como uma jovem travesti que, após fugir de um lar que jamais a acolhera enquanto corpo dissidente, passou a se prostituir no parque que o título se refere. Certamente há muito de suas experiências ditas "reais" impressas nas páginas do livro. No entanto, o que mais chama a atenção na obra é a maneira em que Villada se vale de uma certa vertente literária conhecida popularmente por "realismo mágico", de tal modo que aquilo que poderia sugerir um tom de mero relato das experiências passadas torna-se, de modo muito acertado, uma *poética do vivido*, ainda que os acontecimentos do livro sejam absolutamente triviais.

É com esse sabor onírico, de uma mistura entre sonho, pesadelo e "realidade", dessa brincadeira promíscua entre bichos, seres humanos e elementos folclóricos, que Camila nos apresenta a um dos enredos mais tocantes do livro. Tia Encarna, uma das transeuntes do parque, encontra um bebê abandonado naquele espaço em que todas as noites desfila com o seu pequeno exército de travestis. Arrastada por um desejo incontrolável e fulminante de proteger aquela criança de todos os males, Encarna toma o pequeno bebê em suas mãos e o batiza de **O Brilho Dos Olhos**. No entanto, a vida não é fácil para uma travesti; tampouco seria fácil para aquela que ousasse de forma tão deliberada contra a um dos imperativos mais cristalizados de uma sociedade profundamente reacionária: como um corpo que é incapaz de gestar, que transita de modo tão inadvertido entre as expectativas de gênero, poderia reclamar o direito de ser mãe daquele bebê?

Com isso, passamos a acompanhar as desventuras de Encarna em sua luta cotidiana em afirmar-se enquanto mãe d`O Brilho Dos Olhos, a despeito de todas as inúmeras violências adicionais que passa a sofrer a partir do momento em que assume esse papel materno. Aquela mesma personagem que nos é apresentada inicialmente como uma travesti resiliente, indomável e selvagem, passa a esmorecer. Perde a coragem. Não consegue mais vislumbrar que, conforme uma das suas amigas costumavam falar, ser travesti é uma festa. Sente medo. Um medo irrepreensível, incontrolável, uma sensação de pânico que amarga o hálito, enrijece as costas e faz doerem os ossos.

O sintoma mais brutal – e precisamente o mais sentido todos aqueles considerados párias de um mundo empobrecido pela "gigantesca máquina de assujeitamento capitalístico" (Negri; Guattari, 2017, p. 6) – é o medo. Uma sensação de tamanha inadequação aos nossos tempos necropolíticos que poderia ser traduzida no questionamento de Achille Mbembe (2018, p. 304): "como pertencer de pleno direito a este mundo que nos é comum? Como passar do estatuto de 'sem-parte' ao de 'parte-interessada'"? Aos apátridas de uma ordem que se compraz em gerir complacentemente a morte, demarcando precisamente a que sujeitos a

vida pode ser garantida, resta-lhes um medo transcendental, "que infiltra a morte nas consciências individuais e polariza toda a humanidade em um ponto de catástrofe" (Negri; Guattari, 2017, p. 8-9). Não parece caber qualquer dose de esperança, força motriz para submergir das covas rasas as quais somos coletivamente empurrados. Como acenar para um amanhã cuja aurora não é capaz de rasgar a escuridão da necropolítica, do descaso, da descrença, do descontentamento, da dominação física, corporal e psíquica? Assim como Tia Encarna, sucumbimos ao medo, perdemos de vista *O Brilho Dos Olhos*.

Em uma certa ocasião, o filósofo italiano Antonio Negri (2006, p. 85) definiu o fascismo como uma "reação de maneira destrutiva ao movimento da vida, à maneira alegre e múltipla como ela se inventa". O que está em jogo é menos uma formatação de um estado fascista – nas imagens de Hitler, Mussolini ou Franco, por exemplo – do que a acepção de que haveria um fascismo individualizante e não menos pernicioso, um fascismo incrustrado, cristalizado no sujeito, um fascismo íntimo "que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora" (Foucault, 2010a, p. 103).

O fascismo também pode fazer parte da ordem do desejo. Conforme argumentam Deleuze e Guattari (2011, p. 26), ainda que a todo tempo linhas de fuga sejam criadas, corremos o risco perene de nos depararmos com sujeitos ou organizações capazes de "reestratificar o conjunto de formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito". Eis o desafio: se não formos capazes de montar máquinas revolucionárias capazes "de se fazer cargo do desejo e dos fenômenos de desejo", o desejo seguirá cooptado e manipulado "pelas forças de opressão e repressão, ameaçando, mesmo por dentro, as máquinas revolucionárias" (Deleuze, 2013, p. 29).

São os microfascismos cotidianos: espécie de pílulas de horror que sorvemos, a cada dia, para curar em *nós* aquilo que nos enoja no Outro. Por "Outro", entende-se toda a sorte de desvios de um corte – cada vez mais afiado – entre o que deve viver e aquilo que excede e deve ser submetido à morte (Foucault, 2005): as "anormalidades" sexuais e de gênero, os "apátridas" raciais, os "desvios" étnicos, os corpos com deficiência e corpos idosos "ineficientes" à gestão neoliberal, os corpos refugiados de um mundo que, como nos aponta Haraway (2016), está cada vez com menos refúgios, os corpos migrantes em um planeta em convulsão etc. Em suma, todos aqueles corpos desabonados e sob os quais recaem um pânico moral capaz de mobilizar o ódio, a cólera e o desprezo contra qualquer forma de diferença. Corpos que constrangem aquilo que é visto e esperado como um corpo perfeito, adequado,

útil, submisso, harmonioso. Corpos que escandalizam a hipocrisia e a mesquinharia da turba odiosa precisamente por provocar verdadeiros abalos em suas ditas certezas mais absolutas.

Vale salientar que, ao grafar microfascismo, não estou argumentando em torno de um fascismo "menor" em termos quantitativos ou inferior e menos danoso daquilo que poderíamos nomear de macrofascismo de ordem estatal. Estou me voltando a algo em nível molecular, como tão bem Guattari (2024) definiu ao nos alertar acerca das nossas defasadas palavras de ordem. Já não basta irmos às ruas e bradarmos que os fascistas não passarão, pois "o fascismo não só já passou como continua a passar. Passa pela mais fina malha; está em constante evolução; parece vir de fora, mas encontra sua energia no coração do desejo de cada um de nós" (Guattari, 2024, p. 61). Há algo de terrivelmente individual ou de pequenos grupos que conteriam "microfascismos sempre à espera de cristalização", cuja perversidade e capacidade de mobilização é "somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada" (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 27).

Aprendi com Tia Encarna e com as demais travestis transeuntes do parque Sarmiento, em Córdoba, assim como aprendi com Deleuze, Guattari, Negri e tantos/as outros teóricos/as da filosofia da diferença, que tudo é caso de desejo. De um lado, pode-se entrever um desejo fascista, que origina da/na mobilização de uma massa paranoica cujo objetivo é dependurar os/as diferentes nos muros das significações dominantes; muro este "onde se inscrevem todas as determinações objetivas que nos fixam, nos enquadram, nos identificam e nos fazem reconhecer" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 58).

Sim, podemos afirmar que há o desejo de repressão, pois "mesmo as mais repressivas e mortíferas formas de reprodução social são produzidas pelo desejo, na organização que dele deriva sob tal ou qual condição que deveremos analisar" (Deleuze; Guattari, 2010, p. 46). Daí que emergem os mais diversos impropérios que funcionam como ritornelos fascistas a embalar uma turba barulhenta e hostil: "*Bandido bom é bandido morto*"; "*As minorias devem se curvar à maioria*"; "*Não sou coveiro!*", "*Direitos humanos para humanos direitos*"; "*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*" - e tantos outros exemplares que evidenciam que não, "as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias" (Deleuze; Guattari, 2010, p. 47).

Por outro lado, ao arrepio de todas as tentativas de conformação, há uma outra imagem possível do desejo. Trata-se do desejo como uma força incomensurável, que "abraça a vida como uma potência produtora e a reproduz de uma maneira tanto mais intensa quanto menos necessidade ele tem" (Deleuze; Guattari, 2010, p. 44). Quando não está assentado sob uma ideia de falta, o desejo pode ser significado como "fábrica, potência, alegria, fundamental

para aprender, para pensar, criar, construir, enfrentar os poderes" (Paraíso, 2016, p. 278). Catalisador de possíveis, o desejo amplia e intensifica a vida. É por meio dele que algo novo se cria, que podemos nos conjugar a outros fluxos, produzir agenciamentos que nos convenham. Desejo que forja linhas de variação, capazes de libertar toda a sua potência revolucionária, dinamitando as máquinas fascistas que, sob as rédeas dos seus tristes poderes, desejam apequenar a vida.

É com essa imagem do desejo como acontecimento, "produzido por corpos que se entrechocam, se cortam ou se penetram" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 78), que traduzo as minhas inquietações, a partir dos episódios que aqui mobilizo. Afinal, um acontecimento "está sempre em latência, movência, não se reduzindo nem às coisas nem às enunciações, já que só pode ser apreendido no instante mesmo em que acontece" (Carneiro, 2020, p. 114). Se "todo acontecimento é uma névoa" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 78), é impossível tomá-lo de assalto, é contraproducente tentar registrá-lo quando ele insurge – exercício dispendioso, semelhante a tentar engarrafar relâmpagos. Ao invés de buscar por filiações, por imagens representativas, pelos significantes, o acontecimento é produzido pelas alianças, pelas pequenas brechas que deslocam o pensamento e nos fazem pensar de outro modo.

E o que é, então, a **Coragem**, senão a força impetuosa do desejo, capaz de provocar pequenos abalos nos microfascismos cotidianos? Como defini-la senão como uma resistência criativa, abastecida de sonhos, que permite a vida perdurar? Como significá-la senão como uma linha de fuga que produz estados inéditos em um corpo, a partir das composições que ela inaugura? Precisamos, mais do que nunca, multiplicar a imagem da Coragem como esse movimento que desmancha certos imaginários de mundo só para que tantos outros sejam criados. Coragem que, ao invés de priorizar as identidades fixas e imutáveis, é resplandecida pela diferença. Coragem para racharmos as significações que enclausuram e conformam os indivíduos. Coragem para, seguindo os rastros de Paraíso (2010), pensar o currículo em seus escapes variados e em suas linhas de fuga. Coragem para, cotidianamente, criar espaços para que pequenas revoluções se instaurem em suas linhas variantes, em seus fluxos incessantes de desejo.

Considero que aprendi muita coisa com as crianças, sobretudo com Atena. Aprendi que sem Coragem, não há mudança. Aprendi que sem ser contagiado pelo desejo, pouco – ou nada – há o que fazer com um currículo. Aprendi que, em sala de aula, menos importa descrever, enquadrar e prescrever do que experimentar com o currículo, permitindo que ele se movimente a partir dos pequenos acontecimentos que ali são instaurados. Aprendi a importância e a necessidade de um currículo, não pelo "selo" que carrega – oficial, crítico,

construtivista, tradicional, oculto, alternativo -, mas pela capacidade que ele tem de soerguer a vida. Isso porque aprendi também que "a vida de muitos/as depende do currículo"! (Paraíso, 2010, p. 602). Foi com/através de um currículo que Atena se viu representada, percebendo o quanto ela parecia com a Coragem. De modo semelhante, também foi por meio de alguns currículos que eu pude (sobre)viver uma infância marcada por signos de rejeição, indiferença e abjeção.

Ser uma criança *queer* nem sempre significa ter uma infância

Recentemente foi lançado um belo filme francês chamado "Pequena Mamãe". Nelly, a protagonista do longa-metragem, é uma criança que acabou de sofrer uma perda. Sua avó materna faleceu e ela retornou a casa em que sua mãe passou a infância para encaixotar as coisas que ali restaram. Tudo ali é memória. A mãe, baqueada pela perda, relembra para a filha como era a sua vida ali, quando tinha a mesma idade que ela. Enquanto explora a casa e o bosque que fica pelas redondezas, Nelly encontra uma menina da sua idade construindo uma casa na árvore. A menina compartilha de uma semelhança física impressionante com Nelly. São idênticas, como se Nelly pudesse ver-se refletida naquela criança-espelho. À medida em que vão convivendo, Nelly se dá conta: aquela criança é a sua mãe, quando esta tinha a mesma idade que hoje tem Nelly. O filme não se preocupa em explicar como aquilo aconteceu. Seu interesse, na verdade, é traduzir imageticamente algo muito mais profundo e que particularmente me interessou: precisamos nos relembrar que todos/as nós já fomos crianças um dia e que a infância é um terreno pelo qual sempre temos a possibilidade de retornar.

Nos componentes curriculares que leciono, principalmente aqueles voltados para a psicologia do desenvolvimento humano, costumo discutir com os/as discentes a partir das reflexões proporcionadas por um documentário intitulado "A invenção da infância". Ao finalizar com uma frase provocativa – "ser criança não significa ter infância" -, esse documentário tem nos ajudado a resgatar as nossas memórias, sobretudo aquelas voltadas aos espaços escolares. Passamos a nos indagar: que criança eu fui? De que maneiras fui acolhido pelos/as professores/as? Quais práticas pedagógicas foram proporcionadas? Tive experiências positivas em relação às formas de me expressar quanto ao gênero? Havia, naquela época, a possibilidade de acolhimento às diferenças?

Sempre que tenho oportunidade, lanço essas perguntas para que possamos pensar coletivamente sobre as crianças que fomos, nos/as professores/as que passaram em nossas

vidas e nos/as docentes que desejamos ser. Acredito que este seja um imperativo para uma formação docente consciente, implicada, interessada, expansiva, amorosa e ética. Precisei retornar a essa criança que um dia eu fui para entender um pouco algumas preocupações lancinantes de hoje: uma criança costumeiramente violentada nos espaços escolares por diferir das normas. Violências que não ficavam a cargo apenas dos colegas de sala, mas que também eram perpetradas por professores/as que assumiam uma posição de "vigilantes de gênero".

Essas experiências certamente influenciaram e seguem influenciando no docente que sou e no docente que desejo ser. Para mim, ter atuado na Educação das Infâncias e, agora, na formação de professores, tornou-se uma espécie de "acerto de contas": proporcionei para as minhas crianças aquilo que um dia, quando tinha a mesma idade que elas, não foi ofertado para mim. Ofereço aos/às discentes de graduação os princípios do que acredito ser importante para que não recaiam naqueles mesmos erros dos/as professores/as algozes que passaram pela minha trajetória escolar.

Os marcadores da diferença social atravessam os sujeitos de maneiras distintas, agindo de modo a garantir ou não a possibilidade de viver livremente a infância. Raça e classe certamente são os que melhor visualizamos em um país como o nosso, profundamente desigual. Nesse manifesto, opero especificamente com os marcadores de gênero e de sexualidade, pois foram estes os que me atravessaram mais profundamente, produzindo marcas em minha existência enquanto uma criança *queer*. Uma criança que poucas vezes teve a oportunidade de realmente ter uma infância. Uma criança medrosa, aterrorizada, cotidianamente em pânico de ser "descoberta". Uma criança que não pode vivenciar, de forma criativa e autônoma, a sua infância.

Ao invés de listar episódios de violência e opressão que vivenciei, algo completamente contraproducente nos termos do referencial teórico que adoto, vou além de uma escrita mortuária e prezo por seguir nas disputas de significados e imagens mais gentis com as diferenças na infância. Por isso que hesito em recorrer às experiências hostis. Não quero ser corolário de uma posição de oprimido sem agência, nem exigir sentimento de compaixão e piedade de quem me lê. Por outro lado, não minimizo o que essas formas sistemáticas de rejeição e auto ódio podem causar em sujeitos, sobretudo em crianças. Por isso, invisto naquilo que me veio aos olhos quando a criança Atena me fez perceber, em tom alvissareiro, em um dia aparentemente banal em sala de aula: é preciso parecer com a Coragem, mesmo quando as condições dadas não são as mais favoráveis. É preciso trabalhar continuamente para se parecer com a Coragem, precisamente porque nunca chegaremos a sê-lo em totalidade. Em outras palavras: é preciso ter coragem para se parecer com a Coragem.

Não nos faltam dispositivos de silenciamento – projetos de lei como o "Escola Sem Partido" ou a divulgação massiva do slogan "Ideologia de Gênero", só para citar os mais conhecidos. Quantas vezes não sentimos na pele essa coibição? É possível que uma boa parte de quem agora me lê já tenha hesitado, silenciado, preferido não argumentar, voltado atrás, "evitou a fadiga" em se tratando de questões de gênero e sexualidade. Ninguém está imune. Certamente não estivemos imunes no conturbado momento político anterior - pelo contrário, éramos como uma espécie de "bode expiatório" e a causa de todos os males. No entanto, apesar de uma bela e representativa vitória, os ataques e enfrentamentos que sofremos em relação aos currículos que produzimos e praticamos não cessaram e, muito provavelmente, jamais cessarão. Não afirmo isso em um tom apocalíptico ou pessimista. Digo isso porque currículo é, por excelência, um território de disputas. É um território interessado. É um território político em que as relações de poder sempre se farão presentes. No entanto, isso não significa que devemos adotar uma posição conformista e nos resignarmos com o que está dado. Pelo contrário. O que devemos fazer, inspirando-me em Atena, é se parecer com a coragem e criar um **currículo-corajoso**. É preciso entrar em um devir-coragem, reunir forças para desmontar a paralisia que muitas vezes nos atravessa.

Mas como podemos criar um currículo-corajoso? Somos tantas vezes afogados/as por currículos já estabelecidos, que nos chegam de forma vertical, "de cima para baixo", que por vezes perdemos a sensibilidade de criar, de inventar, de dar vazão a outros possíveis. No entanto, aprendi com Marlucy Paraíso (2010, 2016) que é sempre possível criar em um currículo. É possível dar um basta aos intoleráveis, deixar a diferença seguir o seu curso, criar outras entradas e saídas. Não foram poucas as vezes em que me senti que nem a protagonista de “E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas”: atemorizado, com medo da escuridão, cuja preocupação e ansiedade da antecipação daquilo que me amedrontava era capaz de me paralisar por completo. Enquanto estratégia biopolítica de condução dos corpos, o medo nos torna apáticos/as, letárgicos/as, anestesiados/as, aceitando de prontidão tudo o que está posto. O medo nos separa de nossa força de agir, apaga a centelha de transgressão das normas, atravessando nossos corpos de angústia, culpa e sensação de impotência.

Não é fácil, em tempos como os nossos, responder a esses poderes tristes com alegria, com resistência e com afirmação de vida. Mas trata-se um imperativo para sobreviver em um mundo que nos quer inertes. Precisamos lutar, precisamos daquela "vontade de potência" que nos falou Nietzsche (2017), do esforço necessário para triunfar, de superar a catástrofe e a morte e ir adiante – um pouco mais adiante que seja. É essa potência que penso ser necessária

de ser abraçada em nossas práticas pedagógicas e em nossos currículos. É esse esforço que deve ser a tônica de um currículo-corajoso

PARA NÃO CONCLUIR: NOTAS PARA UM CURRÍCULO-CORAJOSO

Não posso dizer exatamente como construir esse currículo-corajoso porque não compactuo com "receitas" de boas práticas e tampouco considero ser exitoso pensar em currículos aplicáveis a quaisquer situações. Tenho a modéstia necessária de saber que qualquer coisa que eu sugiro pode ser acolhida em determinados contextos e situações, mas certamente não se aplicaria a tantos outros. No entanto, desejo finalizar este manifesto com algumas notas, ainda que inconclusivas, daquilo que considero importante para as nossas invencionices curriculares. Eis como venho pensando, sentindo e articulando o que nomeei por currículo-corajoso, a partir do que aprendi junto a pequena Atena:

1. Um currículo-corajoso é questionador. Portanto, questione-se sempre! Afinal, se currículo é uma seleção interessada de conteúdos, vale perguntar-se diariamente, a cada momento que adentramos em sala de aula: o que está alheio aos quereres desse currículo? "Isso" que está "de fora" não poderia interessar a um determinado agrupamento de alunos/as? Por sua vez, aquilo que está "dentro" do currículo seria capaz de atender, de forma inclusiva, a todas as crianças? O currículo que está sendo produzido acolhe as diferenças? Os avatares desse currículo apontam para imagens mais positivas aos diferentes marcadores da diferença social?
2. Para fabular um currículo-corajoso, ninguém pode **ficar de fora**. Nem os/as educandos/as, nem o/a professor/a ou os diversos sujeitos que compõem a instituição escolar, tampouco as famílias dos/as alunos e a comunidade ao seu entorno. É preciso muita atenção para que ninguém fique de fora. Atenção exigida não apenas em nível do sensível – **olhar** com perícia, **ouvir** com prudência, **sentir** com expressivo interesse –, mas que se presentifica em um compromisso ético de promover aprendizagens que permitam aos sujeitos desse currículo recriar o mundo que as cerca.
3. E por falar em aprendizagens, o currículo-corajoso assume a perspectiva de que aprender não é da ordem da condução, mas dos encontros: somos atravessados por signos que "mobilizam sensivelmente e fazem pensar" (Carvalho; Gallo, 2010, p. 298). Se "nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender" (Deleuze, 2018, p. 237), por que o currículo-corajoso insistiria em métodos seguros, "receituários" de uma presumida "boa didática" ou "dicas infalíveis", que hoje têm sido oferecidas até

mesmo por aqueles/as que sequer comungam de nossa formação[14]? Em tempos em que uma chamada Geração Z tem recorrido a um aplicativo de vídeos curtos para realizar pesquisas[15], o currículo-corajoso nos faz refletir: se "não há método para encontrar tesouros nem para aprender" (Deleuze, 2018, p. 237), qual seria o nosso papel?

4. É provável que esse estado de inquietude que um currículo-corajoso nos coloca possa causar agitação e desassossego em muitos/as docentes acostumados/as com currículos "oficiais" e "normativos", que pouco os permitem criar. Não é de se espantar: o currículo-corajoso realmente desequilibra, espanta, choca, provoca; mas também expande os saberes, transformando a potência de pensar e de aprender em contextos escolares. Por isso, basta um pouco de paciência e de um necessário rigor ético, estético e político para nos depararmos com a sua capacidade de reinventar a docência, que passa a insurgir em práticas contínuas de experimentação através de linhas de variação. Convém um aviso: por mais positivas e bem-sucedidas que sejam essas práticas, um currículo-corajoso não se ancora nas paragens tranquilas das réplicas inequívocas. Experimentar é uma necessidade de se lançar ao novo, ao insuspeito e ao que ainda não foi "testado". Experimentar é sua matéria de expressão, sua "palavra de ordem", sua mais bela e potente contribuição para a Educação, para a Pedagogia, para a Escola e para a Vida!
5. Um currículo-corajoso é um mapa aberto. Portanto, cave, sempre que possível, novas entradas e saídas! Está sendo sufocado/a pelos poderes tristes? Construa novos espaços para intensificar a vida. O que não dá é ficar parado/a. Por isso que tal currículo é feito de uma matéria intempestiva, aberto ao acaso, permitindo-se modificar as rotas no curso da sua própria trajetória. Só quem é corajoso/a pode criar. Portanto, ouse! Um currículo-corajoso pode até uma afinidade maior com a escola, mas ele também pode insurgir em outros espaços, a partir de outras lógicas e de outras perspectivas: nos museus, nas praças, nas ruas, nos clubes, nas mídias, nos artefatos culturais...
6. Um currículo-corajoso é uma ciranda de muitas mãos. Dificilmente somos capazes de construir coisas belas e potentes sozinhos/as. Portanto, estabeleça alianças. Matilhas. Agrupamentos. Junte-se a quem comunga da mesma sensibilidade, do mesmo senso

[14] Disponível em: https://revistacrescer.globo.com/fique-por-dentro/noticia/2024/04/minhas-filhas-nao-vao-a-escola-e-nao-trabalharao-um-dia-na-vida-diz-mae.ghtml. Acesso em: 4 Ago. 2024.
[15] Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/06/09/videos-curtos-no-tiktok-viram-o-novo-atalho-da-geracao-z-para-os-estudos.ghtml. Acesso em: 4 Ago. 2024.

de urgência de produzir práticas pedagógicas acolhedoras. Grupos de pesquisa, de estudos, de extensão, rodas de conversa, momentos de planejamento... Tudo isso pode ser utilizado a favor da fabulação de um currículo-corajoso.

7. A despeito de todas as ciladas que desejam colmatar a sua força insurgente, um currículo-corajoso é um currículo impetuoso. É um artefato que desmonta a linguagem normativa, produzindo um abalo nos estados fixos das coisas e provocando desterritorializações que permitem cavar saídas dos currículos-oficiais e encontrar brechas para aliançar corpos que têm o desejo comum de fazer a vida perdurar. Com isso, o currículo-corajoso dá provas de que basta a força de um acontecimento para que ele acione um outro modo de compor com a escola, com a docência e com a vida.

Que não percamos essa dimensão poética de um **currículo-corajoso**. Que possamos aprender, no cotidiano com as crianças, que é preciso e desejável se parecer com a Coragem. Que tantas outras Atenas sigam abalando nossas certezas mais atávicas, articulando a partir dos seus saberes da infância e nos ensinando outros sentidos e significados para os marcadores da diferença social, de modo a nos fazer (re)ver, ouvir, sentir a vida, a docência e o currículo de uma maneira mais sensível, empática e potente.

Na impossibilidade de finalizar minhas palavras neste manifesto inconclusivo e desejoso de um mundo mais habitável para nossas crianças, recorro a uma canção de Secos & Molhados.

Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa contra a mola que resiste
Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido, nunca desespera
E envolto em tempestade, decepado
Entre os dentes, segura a primavera

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Gláucia. **Currículo das errâncias com a pedagogia da hesitação:** corpo, cidade e artivismos. 2020, 158f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

CARVALHO, Alexandre Filordi. É possível outros pontos de subjetivação em um mundo insano? Microteses de esquizoanálise para nós na educação. In: CORREA, Mirele; CABALLERO, Allan; VERDÚ, Mateus. (Orgs.). **Do caos ao cais e vice-versa:** intersecções entre filosofia, ciência e arte. Campinas: FE Unicamp, 2020.

CARVALHO, Alexandre Filordi; GALLO, Silvio. Do sedentarismo ao nomadismo: intervenções para se pensar e agir de outros modos na educação. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 280-302, dez. 2010. DOI: https://doi.org/10.20396/etd.v12i1.853.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado. 1a ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo:** capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução: Luiz Orlandi. 2a ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 560p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 2. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Leão. 2a ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 128 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Neto e Célia Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 128p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. 1a ed. São Paulo: Escuta, 1998. 180p.

EMICIDA. **E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 4a ed. São Paulo: Martin Fontes, 2005. 382 p.

FOUCAULT, Michel. Entrevista. In: MOTTA, Manoel Barros. (org.). **Repensar a política**. Vol. 6. Tradução: Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo: introdução à vida não-fascista). In: MOTTA, Manoel Barros de. (org.). **Repensar a política**. Vol. 6. Tradução: Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GALLO, Silvio. Pensar à deriva para enfrentar a deriva da educação. In: CORREA, Mirele; CABALLERO, Allan; VERDÚ, Mateus. (Orgs.). **Do caos ao cais e vice-versa:** intersecções entre filosofia, ciência e arte. Campinas: FE Unicamp, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Raça e educação infantil: à procura de justiça. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1015-1044, set. 2019. DOI: https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i3p1015-1044.

GUATTARI, Félix. **A revolução molecular**. Tradução: Larissa Drigo Agostinho. 1a edição. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chtuluceno: fazendo parentes. Tradução de Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom**, Campinas, v. 3, n. 5, s.p, 2016. Disponível em: https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/. Acesso em 04 Ago. 2024.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUFT, Hedi Maria; RODRIGUES, Anelise de Oliveira; SOUZA FILHO, Adão Eurides. Mediação pedagógica e amorosidade na Educação Básica. **Revista Literatura em Debate**, v. 19, n. 33, p. 42-55, jan./jun. 2024.

MAKNAMARA, Marlécio. Discursos, subjetividades e formação docente: entre culturas da mídia e da memória. **Caderno de Letras**, Pelotas, s/v., n. 40, p. 197-208, mai./ago. 2021. DOI: https://doi.org/10.15210/cdl.v0i40.20750.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. 1a edição. São Paulo: N-1, 2018.

NEGRI, Antonio. **De volta:** abecedário biopolítico. Entrevistas com Anne Dufourmantelle. Tradução: Clóvis Marques. 1a edição. Rio de Janeiro: Record, 2006. 221 p.

NEGRI, Antonio; GUATTARI, Félix. **As verdades nômades:** por novos espaços de liberdade. Tradução: Mário Antunes Marino e Jefferson Viel. 1a edição. São Paulo: Editora Politeia, 2017. 214 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Tradução: Mário Ferreira dos Santos. 1a ed. Petrópolis: Vozes do Bolso, 2017.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016. Disponível em: https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.htm. Acesso em: 04 Ago. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. **Cad. Pesq. (Fund. Carlos Chagas)**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 587-604, maio/ago. 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000200014.

RANNIERY, Thiago. Vem cá, e se fosse ficção?. **Práxis Educativa**, [*S.l.*], v. 13, n. 3, p. 982-1002, set./dez. 2018. DOI: https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i3.0020.

SANTOS SILVA, Elder Luan. Neoconservadorismo e ofensivas antigênero no Brasil: a mobilização da "Ideologia de Gênero" e a produção de LGBTfobias no Governo Bolsonaro. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, *[S. l.]*, v. 4, n. 14, p. 331-363, 2021. DOI: https://doi.org/10.31560/2595-3206.2021.14.12172.

VIDA e nada mais. Direção: Abbas Kiarostami. Mongrel Media. Irã, 1992, DVD (95 min).

VILLADA, Camila Sosa. **O parque das irmãs magníficas**. Tradução: Joca Reiners Terron. 2a edição. São Paulo: Planeta, 2021.

SOBRE O AUTOR

Evanilson Gurgel
Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-árido, Centro Multidisciplinar de Angicos. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/IFERN/UFERSA). Doutor em Educação (UFBA), Mestre em Educação (UFRN), licenciado em Ciências Biológicas (UFRN) e em Pedagogia (UNINTER). Líder do (ARTE)FATOS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Narrativas, Currículos e Políticas Culturais.
E-mail: evanilson.gurgel@ufersa.edu.br

Artigo recebido em 13/12/2024.
Artigo aceito em 19/05/2025.